

PSICOSSOMÁTICA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE A PESSOA COM VITILIGO

PSYCHOSOMATICS: AN EXISTENTIAL PHENOMENOLOGICAL LOOK AT THE PERSON WITH VITILIGO

Nicolý Stopassoli Laufer¹

Valentina Dias Pereira Bernardes²

Juliana Albertina Klein³

LAUFER, S. L.; BERNARDES, V. D. P.; KLEIN, J. A. Psicossomática: um olhar fenomenológico-existencial sobre a pessoa com Vitiligo. *Akrópolis*, Umuarama, v. 30, n. 2, p. 314-336, jul./dez. 2022.

Recebido em: 06/10/2022

Aceito em: 09/11/2022

DOI: 10.25110/akropolis.v30i2.8366

Resumo: Esse artigo visa elaborar um breve estudo acerca do olhar da psicologia fenomenológico-existencial sobre a pessoa com vitiligo. A partir do crescimento das doenças de pele mediante a somatização das vivências, buscamos entender o vitiligo como uma condição que está além da materialidade do ser, sendo muitas vezes causadora de sofrimento psíquico. Alguns autores compreendem este acometimento como parte do processo psicossomático, uma vez que o estado emocional pode causar ou agravar o aparecimento da dermatose na pele. Sendo assim, esse estudo busca compreender como o(a) psicólogo(a) fenomenológico-existencialista entende o sofrimento psíquico da pessoa acometida pelo vitiligo e como a psicoterapia clínica, nessa perspectiva, contribui na qualidade de vida do sujeito. De forma sucinta, também realizamos uma reflexão a respeito do compromisso social da psicologia, que tem como práxis a intenção transformadora, a fim de desmistificar conceitos estigmatizantes por meio da promoção da visibilidade e impactos midiáticos, sobretudo, proporcionando espaços de fala para a pessoa com vitiligo.

Palavras-chave: Vitiligo; Psicopatologia; Psicossomática; Psicologia Fenomenológico-existencial; Visibilidade; Ressignificação.

¹ Bacharel em Psicologia pela Universidade Paranaense Campus Cascavel.

E-mail: nicolyslaufer@gmail.com

² Bacharel em Psicologia pela Universidade Paranaense Campus Cascavel.

E-mail: valentina.diasp@hotmail.com

³ Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense Campus Cascavel, especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial, especialista em recursos humanos e coordenadora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense Campus Cascavel. E-mail: julianaklein@prof.unipar.br

Abstract: This article aims to elaborate a brief study about the phenomenological-existential psychology regarding at the person with vitiligo. From the growth of skin diseases through the sum of experiences, we seek to understand vitiligo as a condition that is beyond the materiality of being, often causing psychological distress. Some authors understand this involvement as part of the psychosomatic process, since the emotional state can cause or aggravate the appearance of skin dermatosis. Therefore, this study seeks to understand how the phenomenological-existentialist psychologist understands the psychological suffering of the person affected by vitiligo and how clinical psychotherapy, in this perspective, contributes to the subject's quality of life. We also briefly reflect on the social commitment of psychology, whose praxis is the transformative intention, in order to demystify stigmatizing concepts through the promotion of visibility and media impacts, above all, providing speech spaces for people with vitiligo. We also briefly reflect on the social commitment of psychology, which has as its praxis the intention of transforming, in order to demystify stigmatizing concepts through the promotion of visibility and media impacts, specially, by providing speech spaces for the person with vitiligo.

Keywords: Vitiligo; Psychopathology; Psychosomatic; Phenomenological-existential Psychology; Visibility; Reframing.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge de algumas inquietações vivenciadas no decorrer do Estágio Supervisionado Específico, na Ênfase de Processos clínicos, momento em que nos dedicamos à abordagem a qual nos identificamos, a Psicologia fenomenológico-existencial. Em meio a leituras, discussões e orientações vieram à tona as doenças de pele e sua relação com a autoimagem, como estas interferem no projeto original de quem possui esta condição.

As doenças de pele possuem causas abrangentes e podem aparecer em qualquer período do ciclo de vida de cada indivíduo. Atualmente, não é incomum relacionarem estudos psicológicos acerca do adoecimento psíquico atrelados aos acometimentos de pele. Assim o vitiligo, como outras doenças, denominado como uma doença psicossomática que pode ser relacionada a fatores inviabilizantes para o ser, resultando em impactos psicológicos enquadrando sintomas como o stress, “angústia, fobia, vergonha, depressão, isolamento social etc.” (ANTELO; ALVES, 2019).

Para tanto, intencionamos lançar um olhar para o vitiligo enquanto processo de adoecimento psicossomático para compreensão do ser e de que maneira essa doença influi sobre sua existência, bem como, a relevância da psicoterapia clínica Fenomenológico-Existencial contribui para o processo de aceitação e resignificação do sujeito acometido pelo vitiligo, melhorando sua qualidade de vida., isto devido à própria significação do fenômeno que envolve qualquer processo de adoecimento.

Estar doente é, muitas vezes, entrar em contato com a finitude, com limites de existir, ou seja, revela-se a provisoriedade do ser, o que traz ao indivíduo medo e angústia perante sua finitude. O vitiligo traz marcas ao âmbito corporal, com isso, inúmeras vezes acaba por diminuir a liberdade do ser de realizar o próprio existir em sua totalidade.

[...] para a fenomenologia existencial, o homem não é constituído por partes distintas, como o psíquico e o corpo físico, as patologias psicossomáticas são compreendidas como manifestações de perturbações, limitações ou restrições na dimensão corporal e que se referem à totalidade do existir do paciente. (CARDINALI, 2003, apud TOSSUNIAN, 2008, p.25).

O olhar da Psicologia Fenomenológico-Existencial, compreende que a existência do indivíduo se dá através de seu corpo, pois o sujeito é no mundo uma interpretação do mesmo, é necessário primeiramente existir como conjuntura do corpo físico e psique para que se construa a essência, desta forma o corpo se faz fundamental no processo de existir.

Para a fenomenologia, o ser é constituído como um todo, e para tanto, as doenças psicossomáticas são tidas como processos de adoecimento a partir da somatização da existência, o que se opõe à visão biologizante e mecanicista do dualismo mente-corpo cartesiano. Aplicada como base para estudos da medicina arcaica, essa visão mecanicista a qual coloca a doença acima do ser que a carrega, faz com que suas causas não sejam vistas, objetivando tratar apenas os sintomas que se apresentam no corpo do sujeito, determinando, assim, o sujeito como doente, e ignorando sua historicidade e subjetividade. Contudo, o Existencialismo visualiza o ser como corporeidade, totalizando-o nas relações com o mundo para que o ser não seja determinado à patologia (SARTRE, 2015).

Mas o que seriam as afecções somáticas que são consideradas psicossomáticas pela medicina? Esta distinção é feita a priori quando suas razões são inexplicáveis ou desconcertam o saber. Assim, pode-se compreender que a psicossomática denota aos acometimentos que não possuem uma resposta biológica médica. Dentre as inúmeras doenças que acometem o corpo, e são denominadas de raiz psicossomática, está o vitiligo. Esse processo de adoecimento da pele que se manifesta pelo aparecimento de manchas na derme, a princípio possui causa desconhecida, bem como seus sintomas, graduação variável, evolução imprevisível e etc. Entretanto, há o fator histológico que pode ser considerado, existindo assim, uma variação nas possibilidades de diagnóstico e compreensão da origem do vitiligo.

Mediante essa problemática, percebe-se a importância acerca do acompanhamento psicoterápico para pessoas acometidas pelo vitiligo, que marca a pele

e o existir desses indivíduos. A importância da promoção do acolhimento da dor do sujeito é notória, assim como proporcionar espaços de fala para que o mesmo possa expressar, verbalizar seus medos e fragilidades diante da doença, expressar de que forma que o vitiligo impacta sua vida.

O presente artigo traz inicialmente uma compreensão acerca da filosofia sartreana, a qual fundamenta a visão teórica e metodológica do mesmo, trazendo uma compreensão conceitual e a visão de mundo e homem existencialista. Em conseguinte trazemos o assunto central do trabalho, ou seja, um panorama para o vitiligo e a compreensão do ser que carrega esta condição em seu existir, elencando desta forma, a atuação profissional, o compromisso social e ético da Psicologia enquanto meio viabilizador de ressignificação e visibilidade.

UM OLHAR PARA A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Ao lançar-se no projeto de escrever sobre Psicologia Existencialista, torna-se necessário apresentar, além dos conceitos fundamentais que permeiam a filosofia sartreana, um pouco da vida de Jean-Paul Sartre. Este foi um dos maiores representantes da filosofia existencialista na França, cujo pensamento e produções serviram de base para a elaboração desse trabalho. Sartre foi, em vida, romancista, dramaturgo, analítico literário e artístico, jornalista, militante político e pensador crítico.

Sartre nasceu em 21 de junho de 1905 em Paris, na França. Em 1924, ingressou na Escola Normal Superior de Paris, o local em que conheceu sua companheira, a escritora Simone de Beauvoir, e onde se formou. Em 1931, Sartre é nomeado professor de filosofia de Havre, e foi quando deu início a suas produções literárias. Recebeu uma bolsa de estudos na Alemanha por volta de 1933, e a partir daí entrou em contato com a filosofia de Husserl e Heidegger, os pensamentos que serviram de base para a construção do existencialismo. Os princípios do pensamento sartreano tomaram notoriedade em 1938, com a publicação do romance “A Náusea”. Seu principal trabalho filosófico foi “O ser e o nada”, onde formulou seus pressupostos existencialistas. Jean-Paul Sartre faleceu em 15 de abril de 1980, deixando seus estudos filosóficos críticos que determinaram o pensamento e a posição da geração de intelectuais pós-guerra.

Sartre, desde o início de suas produções filosóficas, evidenciava um interesse em formular uma psicologia. Uma das principais vertentes para esse desejo de produção sucedeu em razão ao repúdio à burguesia, uma vez que seus hábitos e valores morais não acordavam aos da época, portanto, indagava superar as concepções filosóficas e

psicológicas que embasavam a racionalidade dominante. O movimento de Sartre foi contra tudo o que era instituído, contestou muitas verdades consideradas eternas e imutáveis de outros pensadores e levantou uma forte crítica contra a hipocrisia burguesa e a relação de abuso dos indivíduos na sociedade capitalista. A filosofia de Sartre estava longe de ser negativa como muitos apontavam, ela defendia o ser no que mais o dignifica, a sua liberdade de vir a ser no Mundo. (MOUTINHO, 1995).

Para tanto,

O pensamento de Sartre vai da análise da realidade humana individual e subjetiva, tema de suas primeiras reflexões, até o estudo dos grandes horizontes da existência do homem no corpo social e a interpretação do movimento global dos acontecimentos históricos, que o ocuparam em seus últimos anos. (PERDIGÃO, 1995, p. 18).

Sartre realizou no século XX uma filosofia que se estruturou por sua complexidade, vastidão e completude, dessa forma, criou uma psicologia que se diferenciou das compreensões abstratas e desconexas à realidade propostas, pois a mesma abarcava uma gama imensa de setores dos saberes contemporâneos.

Considerada como uma filosofia de liberdade, o existencialismo proporcionava à condição humana sair da ignorância, do medo, de julgamentos e obscuridades. Tornou a vida compreensível por mostrar aos seres humanos que ela é determinada por suas ações, desprendendo a ideia de que estão fadados às atitudes alheias, colocando-os como responsáveis por serem o que são de fato, e o que podem vir a ser. Sartre publicou sua obra “O ser e o nada” em 1943, que se tornou a obra mais lida na história da filosofia, e teve influência de precursores como Heidegger e Edmund Husserl. Conforme Perdigão (1995, p. 22), “o existencialismo, é uma filosofia humanista da ação, do esforço, do combate, da solidariedade”.

A filosofia sartreana segue como premissa a descrição da existência concreta, ou seja, busca a realidade dos indivíduos em seu cotidiano, compreendendo o abstrato concretamente. Para que essa percepção se torne de fato pertinente é necessário colocar a subjetividade, a individualidade, os fundamentos do pensar dos indivíduos como item central. “É pelo fato de pensar que podemos saber que existimos. Ao contrário, sem nossa consciência, o mundo objetivo nada significaria, já que se auto-ignora como existente” (PERDIGÃO, 1995, p. 33). Sendo assim, o homem primeiro existe, surge no mundo, e assim vai construindo sua subjetividade.

Isso se dá a partir do ser livre, que existe no mundo a partir de suas escolhas, que são definidas por suas vivências. O ser é único e está em constante transformação,

construindo sua essência. Portanto, o homem é o que faz de si mesmo, o que o faz viver em angústia, gerada pelo fato de escolher entre uma coisa ou outra e se equilibrar entre as consequências e o fato do “não ter” da opção que foi distanciada.

Desta forma, Sartre apoia-se à ideia Husserliana e compreende a consciência como a busca (em direção ao ser) da *nadificação*, denominado pelo filósofo como consciência intencional. Esta, por sua vez, determina que toda consciência é consciência de algo. Sendo assim, todo ato da consciência é tendenciado a um objeto, seja ele parte da imaginação ou parte do próprio pensamento (PERDIGÃO, 1995, p. 46). Segundo Husserl, a consciência, ao contrário do pensamento dualista elaborado por Descartes, não é algo “separado” do corpo, e também não é espiritualizado como substância ou alma, mas sim atividades as quais compõem atos. E as essências e ou *noemas*, que são as significações e símbolos, são objetos visados pelas intencionalidades dos atos da consciência (HUSSLERL, 2005).

Conforme mencionado anteriormente, para compreensão da consciência intencional, faz-se necessário compreender o nada, que se define como a distância a si da consciência. O ser consciente é aquele que se coloca à distância da coisa de uma maneira particular, ou seja, a distância feita de nada. “A lei suprema do Para-Si é estar separado de si e do mundo por um nada.” (PERDIGÃO, 1995, p. 40). Todo nada é nada de alguma coisa concreta.

Segundo Pascal (1623-1662), ao tentarmos uma definição do ser, caímos em um círculo vicioso, dizendo “O ser é...”. Pois assim, aquilo que queremos definir já se acha contido em sua própria definição. Por isso Sartre não buscou desvendar o homem, mas sim, buscou encarar o ser em suas mais variadas formas de manifestação. O ser existe mesmo quando não nos aparece, escapa à simples aparição. Pode-se compreender então que o ser é regido pelo princípio de identidade: ele é somente aquilo que é.

O ser da consciência é constituído de uma dualidade sendo corpo e consciência, ou seja, um necessita do outro para existir. O Ser-em-Si trata-se do físico, do objeto da consciência, é o corpo do homem. Enquanto o Ser-Para-Si é a consciência reflexiva, o ser livre, que está em construção de sua essência e nunca está definido, a única realidade que o Para-Si exerce é a *nadificação* do ser. Seria o Para-Si uma abstração sem o Em-Si, sendo assim, existimos em negação, o mundo é tudo aquilo que eu não sou, para tanto, a percepção sobre o mundo nos faz existir. Contudo, o homem é a “totalização perpétua do Ser-Em-Si-Para-Si”, pois está sempre em andamento, não existindo uma síntese final (SARTRE, 2015).

O Para-Si é um ser inacabado, sempre se encontra à procura de algo para completar sua falta, ou seja, está sempre em constante transformação. “Sartre prefere a expressão ‘totalização-em-curso’: somos uma perpétua totalização em busca de uma totalidade que nos falta (o nosso si propriamente dito)” (PERDIGÃO, 1995, p. 44). Encontra-se em uma constante busca de preencher essa falta interior, contudo, o distanciamento feito do Nada é o que mantém a separação entre o Ser pleno e o Ser inacabado.

É pelo fato de existirmos enquanto facticidade que possuímos um corpo físico, isto é, a consciência ou o Para-Si afasta-se do mundo para observá-lo, mas o Em-Si está situado no mundo como matéria que é inegável e não é passível de escolha, sendo assim, determinado pela facticidade. É através do corpo que nos situamos neste mundo e somos possibilitados de existir, desta forma, a matéria torna-se parte integrante da consciência, indiscutivelmente um necessita do outro para existir. “Para mim não há diferença de natureza entre corpo e consciência” (SARTRE, 2015).

Ainda sobre o Para-Si, Sartre nos apresenta um novo conceito que se engendra junto a este, a Liberdade. É através da Liberdade que o ser se expressa, possibilitando sua nadificação. A definição de homem enquanto liberdade parte de uma condição ontológica em que ao mesmo tempo que o sujeito faz-se história da liberdade, com totalização em curso, também é fruto do produto da realidade social, constituído pela relação dialética. O homem é livre, pois não é “si mesmo”, mas sim, “presença a si”. Isto é, o Ser-Em-Si por ser determinado a “ser o que é”, não pode ser livre. Sendo assim, o homem não coincide em si mesmo, pois “é o que não é e não é o que é”, portanto isso significa que do contrário de simplesmente ser, o homem é obrigado a fazer-se ser. O homem está em constante atuação no mundo e por assim dizer, se faz presente e uma vez lançado à concretude da realidade, entende a necessidade de escolher, distinguir-se daquilo que é ou não é, rompendo a partir da nadificação possibilitada pela liberdade do ser, no mundo (SCHNEIDER, 2011).

O Para-Si é livre por haver nele a insuficiência do ser, ou seja, busca sua completude durante a vida, e caso fosse plenitude, não existiria liberdade de escolha no projeto de ser. Posto isso, ser livre é fazer escolhas concretas, e essas escolhas são apontadas em ações. Desta maneira, ser é agir e a liberdade é a ação do homem sobre o mundo. Ao escolhermos a nós mesmos, conseqüentemente escolhemos o mundo que nos cerca, e livre é aquele que pode realizar seus projetos. Entretanto, é necessário compreender a caminhada entre o fim planejado e a realização deste. Ou seja, não basta

conceber para realizar, porém, sim, agir no mundo direcionado à concretização do projeto (SCHNEIDER, 2011).

Ao agirmos, sofremos com as adversidades entre o real e o imaginário. Quando um objeto é idealizado, a consciência não encontra obstáculos e resistências, portanto, não há necessidade de ação. Dessa forma, segundo Perdigão (1995), se imaginarmos um projeto como arquitetos, como exemplo, prontamente conseguimos visualizar a imagem da obra finalizada, o que não acontece na realidade cotidiana. O resultado bom ou ruim de um projeto não implica à liberdade do ser. Postula Sartre que “a discussão que se opõe o senso comum aos filósofos provém de um mal-entendido: o conceito empírico e popular de ‘liberdade’, produto de circunstância históricas, políticas e morais, equivale à faculdade de obter os fins escolhidos” (SARTRE, 1997, apud SCHNEIDER, 2011, p. 595). Em outros termos, ser verdadeiramente livre não significa obter-se tudo que se deseja, mas sim a autonomia de escolha do que o ser determina-se a querer.

O existencialismo, de fato, defende que o ser é livre para escolher, entretanto desde que somos lançados ao mundo somos designados à essa condição ontológica, e não há escapatória. Em uma de suas frases mais conhecidas conseguimos compreender a base da filosofia de Sartre, que é “estamos condenados à liberdade” (SARTRE, 2015, p. 597). Assim, não existe possibilidade para deixarmos de fazer escolhas, isto é, ainda que o ser não faça escolhas, isso ainda é escolher.

Estarmos condenados à liberdade faz referência à facticidade do homem. Isso significa que uma vez posta ao mundo, a liberdade não pode desvanecer. As facticidades, citadas pelos filósofos Heidegger e Sartre, são fatos que compõem os aspectos das situações onde o ser se encontra. São estes os que ajudam a definir a estrutura de escolha de um sujeito: o lugar geométrico que o ser ocupa, seja país, idade, residência; o meu passado, a história inalterável que forjou o projeto do ser; objetos que nos cercam, todo entorno que pode facilitar ou dificultar o mundo para o sujeito; e os outros, pois para Sartre (2015), existir é se relacionar, sendo assim é por meio do contato com o outro que existimos. É pela modificação do homem na natureza e pelo ato de nos relacionarmos que entendemos sinais de trânsito, placas indicativas, respeitamos leis etc.

O projeto do ser nada mais é do que a realização puramente livre de um Para-Si que é historicizado. É a propriedade da realidade humana de lançar-se em direção ao mundo e situar-se sempre no futuro. O projeto é puramente determinado por facticidades e aspectos singulares do ser, cujo cada qual possui seu projeto único de vida. Isto é, estamos constantemente fazendo quem somos, ainda que isso não altere o projeto original.

Sartre pontua que somos um Vir-A-Ser, sendo assim, continuamos em um processo mediado pelo projeto entre a objetividade presente, o qual seria a realidade atual e a objetividade futura, neste caso seria a idealização irreal. O homem como “liberdade em situação” percebe-se cercado de determinações, executando um papel ativo, uma vez que sempre estamos fazendo algo do que fazem de nós (SCHNEIDER, 2011).

Incluso aos conceitos de consciência, liberdade e projeto, Sartre fundamenta a Má-Fé: “Por certo para quem pratica a má-fé trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que - e isso muda tudo- na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo” (SARTRE, 2015, p. 94).

O fato de enganarmos a nós mesmos sem nos responsabilizar por isso, negando o que somos, e permitindo que possamos acreditar nas mentiras que pregamos a nós mesmos responde à este conceito. O ser humano é capaz de tomar atitudes negativas para consigo mesmo, não é apenas atingido pelas negatividades do mundo. Posto isso, a má-fé distingue-se da mentira pois o ato de mentir é uma atitude negativa, contudo, essa negação não recai sobre a consciência, aponta só para o transcendente. Desta forma, na má-fé, não existe a dualidade entre enganador e enganado. É necessário conhecer profundamente a verdade para que esta possa ser omitida de mim mesmo (SARTRE, 2015).

Quando utilizamos da má-fé, somos e não somos nós mesmos ao mesmo tempo, e assim encontramos uma brecha do Para-Si que somos. Isso significa que posso dizer que sou algo que não sou. Agindo dessa forma, a consciência determina-se a convencer-se de que sou inautêntico, de forma irreflexiva. Do contrário, sendo voluntário culposos, intencionaríamos de forma negativa e mentirosa e nesses conformes, não seria Má-Fé.

Para concretizar o seu projeto de compreensão do ser, Sartre utiliza o método fenomenológico. A fenomenologia é conhecida como ciência eidética que tem a significação do grego “eidos” que se traduz por “essência”. “Se caracteriza em ser uma ‘visão’ direta às próprias coisas recolhendo delas a ‘composição eidética’, via intuição, percepção cujo propósito consiste em começar por aquilo que é originariamente dado como fundamento de todo o conhecimento” (GOTO; HOLANDA; COSTA, 2018, p. 10). Husserl (2005, p. 42) designa que “cada objeto individual tem uma composição eidética como sua essência, assim como, inversamente, a cada essência correspondem indivíduos possíveis que seriam suas singularizações fáticas”. Este processo capta o essencial garantindo evidenciar aquilo que se analisa.

Sartre abarcou inúmeros conceitos e pensamentos, porém esta síntese facilitará de antemão a compreensão deste trabalho. Partindo de uma visão Fenomenológico-Existencial, entraremos na discussão central do documento que será o Vitiligo quanto psicossomática e suas influências na vida do ser humano que é acometido.

PANORAMA DO VITILIGO ENQUANTO PSICOSSOMÁTICA E A COMPREENSÃO DA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

O vitiligo é uma doença crônica de pele, a qual tem por característica a despigmentação e a formação de manchas brancas na mesma. Segundo a Biblioteca Virtual do Ministério da Saúde (BRASIL, 2016), essas lesões da pele são formadas pela diminuição de melanócitos, a qual responde pelas células que compõem a melanina, pigmento que colore e protege a pele dos raios solares. É uma doença autoimune, ou seja, os anticorpos do próprio organismo destroem os melanócitos produzidos. Essa condição pode acometer todos os sexos, etnias, raças e idades. Dividem-se entre alguns tipos, dentre eles estão: Focal, que apresenta apenas uma mancha ou poucas em uma determinada região; Segmentar, que manifesta-se apenas em uma parte do corpo e também pode apresentar tufos ou mechas de cabelos brancos; Bilateral, tipo mais comum, que manifestam-se nos dois lados do corpo, como exemplo as duas mãos, axilas, braços, pernas e áreas dos olhos; e Universal, tipo menos frequente, que é tão avançado que apenas pequenas partes com a coloração da pele são encontradas.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2020), “[...] o vitiligo alcança 1% da população mundial. No Brasil, mais de 1 milhão de pessoas convivem com a doença.” Os pacientes acometidos podem ter poucas ou muitas manchas que podem aparecer em qualquer região do corpo e surgir em variadas formas e tamanhos. O surgimento das manchas pode acontecer de forma rápida ou pouco a pouco ao longo dos anos. Trata-se de uma doença a qual não apresentam sintomas físicos como perda de sensibilidade, dor, coceira ou ardência, nem sequer risco à vida dos indivíduos. Não é contagiosa e concerne a uma condição idiopática, que não possui suas decorrências definidas, entretanto traumas e alterações emocionais são fatores significativos para o desencadeamento ou agravamento da doença. Posto isso, “alguns fatores precipitantes para essa doença são: estresse físico e emocional, traumas mecânicos e substâncias químicas, como derivados do fenol. Doenças autoimunes, principalmente as tireoidianas, podem estar associadas ao vitiligo” (STEINER et al. 2004).

No que se refere ao tratamento, poderá variar de acordo com a forma específica de vitiligo que a pessoa apresenta, as proporções que as lesões possuem, a idade do sujeito, suas particularidades, entre outros fatores. Contudo, “o tratamento do vitiligo ainda é um grande desafio, uma vez que há muitas teorias que tentam explicar a doença e muitas ainda a serem propostas. A principal linha de tratamento no vitiligo consiste em estimular a produção de pigmento nas áreas de pele lesadas” (STEINER et al. 2004).

Dentre algumas formas de tratamento utilizadas, as mais comuns são: a Puva terapia, que se trata de uma fotoquimioterapia com exposição à radiação UVA, e atualmente é o tratamento de primeira linha para vitiligo generalizado; o *308-nm- Excimer Laser*, que com este tratamento a pigmentação da pele ocorre de forma parecida à fototerapia tradicional, porém age de forma mais localizada, apresentando um nível elevado de repigmentação, todavia possui um alto custo, além do que, no Brasil o uso de laser para tratamento de vitiligo ainda não é liberado pela Anvisa; os corticosteróides, os quais também são uma das primeiras opções utilizadas, podendo ser usados de forma localizada, ou seja, aplicados sob a pele em forma de pomada, ou também oralmente, embora o uso da droga como forma de tratamento pode causar efeitos colaterais fortes aos pacientes; Tacrollimus e Pimecrollimus, são fármacos “inibidores da resposta inflamatória autoimune, mas sem o perfil de efeitos colaterais dos corticóides” (ANTELO; ALVES, 2019, p. 25), e o seu uso tem mostrado uma grande eficácia no tratamento do vitiligo, e aparecem em destaque dentre os tratamentos da doença.

Existe também a cirurgia como uma opção de tratamento quando as drogas e terapias de luz não forem responsivas. Acontece através do enxerto de pele ou enxerto de bolhas. Possui normalmente resultados favoráveis. Muitos produtos estão disponíveis no mercado, como vitaminas, antioxidantes e novos estudos que são testados e utilizados para o tratamento do vitiligo, porém vale ressaltar que a mesma se trata de uma doença crônica, ou seja, não possui cura. Contudo, os tratamentos pretendem controlar e até mesmo uniformizar as manchas na pele objetivando proporcionar aos portadores, mais segurança física e emocional.

É importante ressaltar o Projeto de Lei 3809/19, de autoria da deputada Rejane Dias (PT-PI), que garante às pessoas com doenças de pele como o vitiligo ou psoríase⁴ atendimento com médico dermatologista e acompanhamento psicólogo de forma

⁴ Doença de pele na qual as células acumulam-se formando escamas e manchas secas ocasionando coceira. Acredita-se que a psoríase seja um problema do sistema imunológico que se evidencia com frio, infecções e estresse.

prioritária na rede pública pelo Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2019). O projeto ainda está em tramitação em situação de apreciação conclusiva pelas comissões (Art. 24 II).

Em conjunto com as demais formas de tratamento, é importante associar a terapia psicológica, para que sejam trabalhadas e fortalecidas no sujeito suas questões psíquicas que estão fragilizadas e que podem potencializar a doença. Assim, o acompanhamento psicológico também serve para complementar o tratamento de repigmentação da pele, uma vez que estudos comprovam a eficácia da terapia, de forma indireta, no auxílio da motivação para continuação do tratamento, bem como na diminuição do avanço das manchas (ANTELO; ALVES, 2019, p. 18). Também se faz muito importante o processo de ressignificação, para que esta facticidade seja encarada de forma mais leve e menos dolorosa pelo ser que a possui.

Pouco se fala sobre o vitiligo, bem como poucos estudos médicos e científicos se encontram disponíveis, sobretudo mínimas divulgações midiáticas, o que faz com que boa parte da sociedade esteja sujeita à desinformação. A luta contra o preconceito é um enfrentamento diário para os portadores do vitiligo, o constrangimento relatado por eles costuma estar relacionado ao receio de outros quanto às doenças de pele ao medo de contágio e à atribuição de pouca higiene pessoal, levando a uma estigmatização ilógica sobre os indivíduos. Contudo, o vitiligo não é transmissível, e a falta de informação pode causar muito sofrimento aos portadores.

Para tanto, a psicologia deve cumprir seu compromisso social, buscando “[...] aproximar-se mais de um instrumento de reflexão do que de um conjunto de normas a serem seguidas [...]” (BRASIL, 2005, p. 6). Ou seja, as regras devem ser seguidas não como um conjunto de normas, mas sim como um novo olhar para com o ser, permeado pelo cuidado e pelo acolhimento, que são práxis da psicologia e parte do compromisso social. Sendo assim, o atendimento clínico também pode contribuir para diminuição de preconceitos bem como para inclusão social.

Apesar de não ocasionar dor física ou ser considerada doença grave, o vitiligo acarreta estigmas sociais e pode impactar negativamente no psicológico de quem a possui. O estigma, segundo Antelo e Alves (2019) é historicizado, e demarca o início em 460-355 a.C., época em que Hipócrates, conhecido como “pai da Medicina”, não fazia distinção entre hanseníase⁵ e vitiligo. De fato, perpassa a ideia de periculosidade ao corpo

⁵ A hanseníase, antigamente conhecida como lepra, trata-se de uma doença crônica causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, que causa lesões na pele, olhos, nariz e danos aos nervos.

material, entretanto, por muitas vezes afeta a condição de autoimagem e aceitação do indivíduo.

Elael (2008, apud MACIEL; OLIVEIRA, 2012, p. 274) ressalta que as afecções somáticas são consideradas psicossomáticas pela medicina quando suas razões são inexplicáveis. A psicossomática denota aos acometimentos que não possuem uma resposta biológica médica, isto é, quando não se obtém certa resposta sobre alguma lesão, contradiz a etiologia ou desconcertam o saber. A denominação da medicina psicossomática, de acordo com seu campo epistemológico, é um estudo das relações mente corpo com ênfase na explicação da patologia somática, uma proposta de assistência integral e uma transcrição para a linguagem psicológica dos sintomas corporais (EKSTERMAM, 1992, p. 77).

Segundo Mello Filho (1992), o progresso da psicossomática ocorreu em fases. A primeira, denominada de fase inicial ou psicanalítica, sob a influência das teorias psicanalíticas, baseou seus estudos pautados na origem inconsciente das doenças, das teorias da regressão e dos benefícios secundários da doença. A segunda, também chamada de fase intermediária, veio do estímulo Behaviorista, realizou as pesquisas tanto em homens como em animais, deixando assim grandes colaborações aos estudos do stress. A terceira fase, denominada de atual ou multidisciplinar, levou em conta o social, a interação e interconexão entre os profissionais das várias áreas da saúde.

Embora as causas do vitiligo ainda não sejam completamente conhecidas, ele pode ser caracterizado como uma doença Psicossomática, ou seja, há uma integração Biopsicossocial, diz respeito à relação de adoecimento que se entrelaça entre o movimento psíquico, social ou ambiental e corporal do sujeito. Um significativo sofrimento emocional pode fazer com que o acúmulo de fatores interfira no bem estar físico. A mente e o corpo funcionam como um sistema integrado, e quando há instabilidade em um campo o outro sofre, inevitavelmente. De acordo com Porter et al. (apud STEINER et al., 2004), “mostraram em um estudo que mais de 50% dos pacientes com vitiligo dizem sofrer algum tipo de discriminação social e que 20% deles chegam a ser tratados de maneira rude.” Para tanto, quando falamos sobre estigmas sofridos pelos portadores de vitiligo, entramos em um assunto delicado. O impacto psicológico não pode ser negligenciado, pois é um dos fatores que pode ser responsável pelo aceleramento e acarretamento de novas manchas relacionadas à doença.

Sartre, apoiado em autores como Jaspers e Wandemberg, lança um olhar fenomenológico para a psicopatologia. Por volta de 1920, Sartre auxiliou na tradução do

livro “Psicopatologia geral”, de Karl Jaspers, fato que foi incalculavelmente relevante, pois foi a partir daí que se deu seu primeiro contato com a fenomenologia em uma perspectiva psiquiátrica e psicopatológica. A obra do psiquiatra alemão Karl Jaspers foi produzida com o intuito de responder os questionamentos psiquiátricos de sua época e firmar a ciência de forma fidedigna em meio ao campo da medicina, que naquele momento encontrava-se “dividida entre os modelos organicista e psicodinâmico, oscilava em suas indefinições em torno de seu objeto e em suas imprecisões diagnósticas e terapêuticas” (SCHNEIDER, 2011, p. 188). Foi uma produção que exigiu mais do que meramente descrever os sintomas das psicopatologias, buscou ir além da visão habitual psiquiátrica, que era determinista e mecanicista, rompeu com a lógica analítica, fundamentada nos pressupostos da fenomenologia de Husserl.

De acordo com Angerami-Camon (2000) uma psicologia que considera a compreensão orgânica da psicossomática trata-se de uma psicologia que, acima de tudo, considera a historicidade do indivíduo portador da doença. E por assim sendo, considera a doença como mera anomalia de desequilíbrio emocional, correlacionando o psíquico ao físico e as intercorrências com as vivências do paciente.

Para pensarmos a visão fenomenológico-existencial, diante das psicopatologias, compreendemos a importância do pensamento proposta por Jaspers. Sartre opunha-se às definições de concretude e olhar sintético para com os indivíduos, tal como Jaspers. Nesse âmbito, não visava a doença como algo que definisse o ser do homem, mas sim, o homem como viabilizadora compreensão do ser da doença. Opondo-se, assim, ao modelo da psiquiatria clássica, proporcionou novos moldes ontológicos, e rompeu com a noção de psiquismo como uma estrutura interna decorrente de um determinismo mental. Postulou, por conseguinte, a compreensão do campo psíquico como um objeto no mundo que resulta da relação objetividade/subjetividade e mundo/homem.

Sartre traz uma crítica ferrenha ao empirismo, pois afirma que, em meio às suas análises psicopatológicas, nota-se o distanciamento para com a realidade concreta dos indivíduos, desconsiderando a questão psicológica no que tange à sua construção sócio-histórica. “Discute também a consequência dessa lógica psiquiátrica para os pacientes, que são ‘engessados’ pela classificação e atomizados em sua doença, cada vez mais isolados dos outros, o que os leva para dentro do abismo de sua patologia” (SCHNEIDER, 2011, p. 218).

Para a compreensão da história de vida pessoal e do projeto de ser dos indivíduos, deve-se utilizar da racionalidade dialética, os aspectos que compõem o ser são

fundamentais para entrar em contato com suas questões psíquicas. Por assim sendo, ao estudarmos o sujeito da psicopatologia, não deve existir diferença particular na forma que se compreende qualquer outro indivíduo (SCHNEIDER, 2011, p. 219).

Apresentamo-nos ao mundo através do nosso corpo. Para Heidegger (2001, apud FEIJOO; MATTAR, 2015), a corporeidade é uma das partes do nosso ser, onde se atualiza a existência humana e abarcam conceitos como os fenômenos do corpo (somático) e do psíquico. A doença é uma interrupção de possibilidades do indivíduo na corporeidade. A existência reduzida e “interrompida” somente à corporeidade aparecerá sob um aspecto patológico e anormal (FEIJOO; MATTAR, 2015).

Segundo Sartre (2015), a enfermidade psíquica se mostra de uma forma não palpável, pois diferentemente de uma doença comum, ela não pode ser observada de forma habitual, compreendida do ponto de vista médico, as quais se tratam de alguma falta ou excesso no organismo diagnosticáveis. A psicossomática não é palpável quando se trata de um diagnóstico pronto. Podemos compreender que ela advém do Ser-Para-O-Outro “ao modo como o mundo me aparece, mediado pelos objetos e pelas pessoas que me cercam” (SCHNEIDER, 2011, p. 200). É decorrente da maneira individual de encarar o mundo.

Conforme mencionado anteriormente, o vitiligo é uma doença autoimune que afeta a pele, entretanto também pode afetar a psique. Segundo a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2020), “o desenvolvimento de transtornos psicológicos, como a queda na autoestima e a retração no convívio social, são seus efeitos mais significativos.”. O processo de desenvoltura das funções psicológicas superiores decorre a partir das experiências e ações vivenciadas pelo indivíduo ao longo da vida, bem como de suas relações com o mundo e as facticidades que o cercam. Nosso corpo é o instrumento que permeiam nossas ações (SARTRE, 2015), e apenas nos relacionarmos com outros instrumentos (que não somos) faz com que possamos conhecer a nós mesmos. Isto é, ao sermos vistos pelo outro, podemos conhecer a nós mesmos. E ao olharmos para o outro, também reconhecemos a importância na constituição de ser.

No processo de desenvolvimento, o ser constrói a sua própria imagem e tem-se a visão de como é, a partir do que se constrói pelo olhar do outro. Todos nós possuímos uma maneira de enxergarmos a nós mesmos, e isso chama-se autoimagem. Essa visão muda conforme o envelhecimento do ser, de forma natural. Entretanto, em casos como o surgimento do vitiligo, essa visão pode causar grandes mudanças e impactos na forma como o indivíduo reconhece sua própria imagem, posto que a forma como a sociedade

enxerga o vitiligo está relacionada a questões de preconceitos enraizados. “Eu vivo meu corpo em perigo, tanto face aos aparatos destruidores quanto face aos instrumentos dóceis” (SARTRE, 2015, p. 410). O olhar negativo e estigmatizante sobre o indivíduo que é acometido pelo vitiligo pode gerar um sofrimento psíquico e desencadear transtornos psicológicos como ansiedade, depressão, fobia social e sentimentos atrelados a estes como vergonha, angústia, isolamento social, entre tantos outros.

Padrões de beleza bem delimitados são impostos pela sociedade que nos cerca, e os indivíduos vivem em busca de encaixar-se nestes padrões. No que tange os sujeitos com disfunções dermatológicas, o sentimento de inadequação fica em evidência diante das exigências estéticas. Se instaura então, um processo de insatisfação com a própria aparência diante deste sistema discriminatório. A construção da identidade se dá também, pelo meio externo, e nesse sentido a pele desenvolve papel importante, pois representa o ser como único.

A autoimagem para o sujeito diz respeito ao self-fenomenal, de acordo com Erthal (2013), isso significa que existe um campo fenomenológico, onde abre-se espaço para experiências determinantes do comportamento do ser, bem como a própria experimentação do ser. O desenvolvimento da autoimagem acontece desde a infância, a partir do contato do ser para com o mundo e a relação dialética existente.

Quando falamos sobre o vitiligo, entendemos que o indivíduo tem o seu projeto de ser afetado. Essa percepção acaba por limitar a existência do ser, dado que construção da autoimagem é também formada pela visão que o outro tem sobre nós. Em vista disso, o processo psicoterapêutico faz-se importante para que se possa gerar reflexão diante dessa demanda, ampliando a visão do sujeito sobre si mesmo e sobre suas possibilidades de vir a ser no mundo.

É extremamente importante romper com a visão determinista, tendo em vista que, por não afetar as habilidades práticas do sujeito, como andar, falar, ver ou ouvir, entre outras, o vitiligo não seja limitador, ou mesmo possa vir a paralisar o sujeito enquanto Vir-A-Ser. Diante disso, é pertinente no processo de fazer-se compreender “ser no mundo”, olhando o indivíduo para além da doença. O Existencialismo visualiza o ser como corporeidade, totalizando-o nas relações com o mundo para que o ser não seja determinado à patologia, buscando suas infinitas possibilidades de existir, trazendo assim, juntamente com a ressignificação, a existência autêntica do ser. No atendimento psicoterapêutico clínico, há a compreensão de como o sujeito vivencia o vitiligo de forma singular, para então, se necessário buscar a ressignificação do que é o vitiligo para o

mesmo. E é a partir desse processo que o paciente escolhe como lidar com esta condição, seja aceitando as manchas, seja procurando alguma forma de tratamento, mas que esta opção seja uma escolha autêntica, e não uma extensão do padrão imposto pelos demais.

É notório que os fatores emocionais estão diretamente ligados ao enfrentamento das condições de pele, o stress pode influenciar diretamente no aparecimento ou agravamento das doenças. Segundo Montagu (1988), a pele é um órgão de percepção e comunicação visível, sendo transmissora de sensações e emoções, reflete sentimentos mesmo que não estejamos conscientes deles, e responde também sobre o ambiente externo que é colocada. Sendo assim, as situações estressantes são gatilhos para a resposta material da pele.

No que tange a atuação da clínica psicológica, deve-se prestar um atendimento humanizado, compreendendo os fatores implícitos físicos e mentais que geram situações estressantes no paciente. O processo de elucidação juntamente com o sujeito deve buscar o que o leva a adoecer no âmbito psíquico, material e social, e possibilitar alterações conscientes e reflexivas nestes aspectos prejudiciais. Assim, promover qualidade de vida aos indivíduos é papel fundamental do fazer Psicologia, trazendo reflexões, conscientização diante de padrões comportamentais que são nocivos ao ser, tudo baseado em sua relação com o mundo, sua realidade, historicidade e possibilidades de Vir-A-Ser.

O psicólogo deve promover uma escuta especializada para que a problemática seja compreendida a partir da perspectiva do indivíduo e consiga, juntamente com o paciente, identificar as raízes do problema, desde quando apresenta esse quadro, quais foram as vertentes que serviram como gatilho para o surgimento ou aumento das manchas e identificar suas particularidades. É importante que o profissional estude e pesquise sobre a psicossomática e o vitiligo para obter respaldo científico no tratamento psicoterápico, compreendendo as formas de tratamento e minimização da doença. Dentre elas, temos como exemplo levar a informação para o paciente, e no caso do vitiligo, encaminhar a um profissional especializado em dermatologia para realizar acompanhamento, caso seja parte da escolha autêntica do paciente, apresentando apenas como uma possibilidade.

Em relação ao quadro clínico do paciente psicossomático, compete ao psicólogo fenomenológico-existencialista minimizar as manifestações somáticas, sobretudo na ressignificação do vitiligo e da imagem corporal, ou seja, dar um sentido diferente para o sofrimento psíquico, recuperando a importância que a autoimagem representa em sua vida. O paciente psicossomático pode viver em torno de seu diagnóstico e enxergar-se como Ser-Em-Si, sendo a doença. Entretanto, nesses casos, o terapeuta deve, durante o

processo psicoterapêutico clínico, aludir ao paciente que sua patologia é apenas parte de seu ser, e dessa maneira, auxiliar no processo para recuperar a visão do Ser-Para-Si a partir da consciência reflexiva. Torna-se importante lançar um olhar para os estigmas sociais, e ampliando suas relações para que a limitação da liberdade perfaça, a fim de libertá-lo e fazer com que este compreenda-se como Ser-No-Mundo. Sendo assim, a psicologia clínica existencial possibilita ao sujeito perceber-se dentro de suas construções, permeando a apropriação de quem, ou como o paciente realmente é. Dessa maneira compreende-se enquanto liberdade e descobre-se uma nova visão a respeito das suas possibilidades e escolhas. Todo esse caminhar visa a um encontro autêntico do cliente com seu projeto.

No que tange à alta do paciente do processo psicoterapêutico citado, é critério do mesmo, pois só ele sabe como está se sentindo verdadeiramente. É compromisso do profissional psicólogo(a) promover um movimento de reflexão perante à essa temática, para que sejam observadas todas as variáveis existentes e assim façam juntos, terapeuta e paciente, as considerações e observações referente a todos os pontos pertinentes. Segundo Erthal (2013), “o término da terapia usualmente representa uma solução de compromissos entre expectativas de mudanças e limitações decorrentes de motivações que diminuem o desconforto subjetivo de estar submetido à terapia.”

Portanto, o paciente deve compreender e aprender a lidar com suas limitações, que se faz possível através de todo o processo de terapia, o qual permite a ampliação da consciência e ressignificação. Partindo da teoria Fenomenológico-Existencial, o ser se faz em liberdade, para tanto, o processo de alta é livre também para seu processo de escolha. Na terapia voltada ao sujeito singular universal que lida com a condição do vitiligo, o mesmo deve perceber essas limitações sem abandonar o seu projeto de ser, ressignificando a convivência com as marcas do vitiligo, vivendo e fazendo escolhas de forma autêntica, inclusive respeitando sua necessidade de permanecer ou distanciar-se do processo psicoterapêutico.

Também faz-se necessário ressaltar o compromisso social da psicologia, que se mostra nos processos de discordância e contradições perante as situações de segregação na sociedade, buscando incessantemente por mudanças a partir das reflexões advindas de críticas sociais, tendo como sua ferramenta o próprio trabalho que utiliza das teorias e práticas psicológicas direcionadas à transformação da sociedade, e nesse contexto, são voltadas para o rompimento da classe dominante que é excludente, nessa dialética com a inclusão social (SAWAIA, 2002). Dessa maneira, é através de estudos científicos e meios

técnicos que se torna possível trazer visibilidade à pessoa que convive com o vitiligo, o qual é um movimento importante para que o preconceito seja minimizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de trazer o olhar para os sujeitos carregados de singularidades e universalidades que são acometidos pela condição do vitiligo, entendendo a patologia apenas como algo que compõe a materialidade do ser, não definindo-o por tal condição. Faz-se necessário destacar o papel da psicologia no que concerne à promoção da saúde mental e no campo ontológico da psicopatologia, a qual se refere aos espaços de visibilidade à pessoa com vitiligo. Isto é, quanto mais se fala sobre um assunto, mais se conhece sobre, e conseqüentemente mais pessoas recebem essa informação. Com o vitiligo não seria diferente, quanto mais informações forem divulgadas sobre esse assunto, mais pessoas entrarão em contato com essa realidade resultando na minimização do preconceito e rompendo com o tabu para quem sofre com os estigmas ocasionados pelas manchas de pele. Atualmente o vitiligo é um tema que vem crescendo em relação a pesquisas, entretanto ainda possui um número inferior a outras doenças.

Em 2017, tivemos 448 publicações sobre vitiligo [...]. Não hesitamos em dizer que o vitiligo é, muitas vezes, negligenciado, e que o número de artigos publicados em 2017 sobre a doença foi bem menor do que os sobre dermatite atópica (1.492) e sobre psoríase (2.803), doenças mais visíveis na pele clara. (ANTELO; ALVES, 2019, p. 8).

A significação de tal doença para as pessoas que são colocadas diante desta facticidade ainda é um assunto não muito explorado, visto que durante o levantamento de dados para a produção desse artigo enfrentamos algumas limitações no desenvolvimento da pesquisa em razão da escassez de artigos científicos sobre o tema, principalmente na área da psicologia. Dessa maneira, a psicologia é uma área que tem muito a contribuir, proporcionando lugar de fala para as pessoas com vitiligo. Compreendemos a relevância que mais estudos e conhecimentos na área sejam desenvolvidos para que a visão sobre essa condição e suas realidades sejam ampliadas, desconstruindo pré-conceitos existentes, ampliando a consciência. A clínica psicológica é um compromisso social, por isso, deve possibilitar essa desconstrução de paradigmas proporcionando notoriedade ao assunto através de suas ferramentas técnicas e estudos científicos, trazendo assim mais humanidade nas relações.

Ressaltamos também, a importância do olhar da psicologia na problemática do vitiligo enquanto causador de sofrimento psíquico para o paciente, bem como a relevância do processo psicoterapêutico na qualidade para auxiliar no trato com as psicossomáticas. O profissional da psicologia deve realizar uma escuta especializada, buscando mediar a relação do sujeito para com ele mesmo, intencionando a compreensão da perspectiva do paciente psicossomático para que as raízes do problema sejam identificadas juntamente a ele, como também os gatilhos para o aparecimento ou aumento das dermatoses na pele.

Dessa maneira, a psicoterapia objetiva proporcionar novas possibilidades de escolha para o sujeito, recuperando a autenticidade do ser e a liberdade de Vir-A-Ser. Por fim, o olhar da psicologia para o paciente psicossomático enfatiza a não coisificação do ser pela doença, mas sim a compreensão pela totalidade do ser que existe e é permeado de escolhas, e assim, fazer algo com aquilo que fizeram dele. Ou seja, o ser é livre para escolher como lidar com a facticidade sobre ter vitiligo (fazer algo), da mesma forma que também é livre para escolher como enfrentar o olhar preconceituoso dos outros (aquilo que fizeram dele) (SARTRE, 2015).

A intenção das autoras é que este artigo possa contribuir para a sociedade acadêmica que visa a pesquisa na área da Psicologia voltada para as manifestações psicossomáticas, que o mesmo possa instigar a necessidade de estudos aprofundados na área, levando em consideração a relevância do tema para a sociedade e para os profissionais que lidam com essas demandas em sua atuação, trazendo assim embasamento teórico e científico. Também vislumbra atingir os indivíduos que são acometidos pela psicossomática, seja através da manifestação do vitiligo ou demais condições que geram sofrimento e que estão relacionadas à exteriorização física do sofrimento emocional. Pois, existe a compreensão de que o conhecimento transforma, e pode trazer um novo olhar e uma nova forma de lidar com a realidade, diante disso, esse artigo intenciona novas possibilidades para as pessoas.

Em relação à diversidade e representatividade no cinema, em 2018 foi lançado o filme *DeadPool 2*, sequência baseada nos personagens da Marvel Comics, na qual trazem para realidade a super-heroína negra Dominó, que possui uma marca branca em volta do olho esquerdo e manchas brancas nas mãos, entretanto, na época não existiram divulgações ou muitos comentários sobre o vitiligo em si. A respeito de marcas famosas, a empresa Mattel lançou, no início de 2020, a nova coleção da Barbie Fashionista, que inclui bonecas deficientes físicas, carecas e também com vitiligo (HONORATO, 2020).

É notória a importância da visibilidade e das divulgações midiáticas quando falamos a respeito da autoaceitação e ressignificação da doença para o paciente, pois assim existe a possibilidade de identificação com o personagem, reforçando que este também faz parte da sua realidade, tornando menos incomum e trazendo a “normalidade” à tona.

Para os indivíduos em sua subjetividade que convivem com essa condição, é necessário desconstruir o olhar do outro sobre si, compreendendo-se como Ser-No-Mundo, vivendo de sua forma a existência autêntica. Neste ponto, compreendemos que a atuação em psicologia clínica é de extrema relevância nesse processo de autoconhecimento e ressignificação. Por fim, esperamos que o nosso trabalho possa ampliar a visão para o vitiligo, que possa vir a acrescentar a novos estudos e pesquisas neste campo.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, V. A. (Org.). **Psicologia da saúde: um novo significado para prática clínica**. São Paulo: Pioneira, 2000

ANTELO, D. P.; ALVES, L. O. **Tenho vitiligo, e agora?** Rio de Janeiro: Atheneu, 2019

BRASIL. Câmara dos Deputados. Pacientes de vitiligo e psoríase poderão ter atendimento prioritário no SUS. **Agência Câmara de Notícias**, 26 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/567320-pacientes-de-vitiligo-e-psoriedade-poderao-ter-atendimento-prioritario-no-sus/>>. Acesso em 07 set. de 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília, 21 jul. 2005. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vitiligo. **Biblioteca Virtual em Saúde**, 2016. Disponível em: <<http://bvsmis.saude.gov.br/dicas-em-saude/2205-vitiligo>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

EKSTERMAN, A. Psicossomática: o diálogo entre a Psicanálise e a medicina. IN: MELLO FILHO, J. **Psicossomática Hoje**. Artes Médicas. Porto Alegre, 1992.

ERTHAL, T. C. S. **Trilogia da existência: teoria e prática da psicoterapia vivencial**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2013.

FEIJOO, A. M. L. C.; MATTAR, C. M. A desconstrução da psicossomática na análise existencial de Heidegger e Boss. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol.18 no.4 São Paulo out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000400651>. Acesso em 11 set. 2020.

GOTO, T. A.; HOLANDA, A. F.; COSTA, I. I. Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl. **Revista do NUFEN**, vol.10 no.3 Belém set./dez. 2018. Disponível em: <

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000300004>. Acesso em 28 ago. 2020.

HONORATO, L. Barbie lança novas bonecas com vitiligo e sem cabelo. **O Estado de São Paulo**, 29 jan. 2020. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,barbie-lanca-novas-bonecas-com-vitiligo-e-sem-cabelo,70003177652>>. Acesso em 15 out. de 2020.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas, sexta investigação, elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

MACIEL, S. C.; OLIVEIRA, L. M. S. Histeria e fenômeno psicossomático: corpo biológico x corpo simbólico nos limites da intervenção. In: ANGERAMI, V. A. (Org.). **Psicossomática e suas interfaces: o processo silencioso do adoecimento**. São Paulo: Cengage Learning, 2012, p. 267-288.

MELLO FILHO, J. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MONTAGU, A. **Tocar: o significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.

MOUTINHO, Luis D. **Sarte: psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência & Liberdade**. Porto Alegre, ed. L&PM. 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SAWAIA, B. **Sílvia Lane**. Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira, Vol 8. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a Psicologia clínica**. Florianópolis: UFSC, 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. **25 de junho: SBD alerta para os cuidados com vitiligo durante pandemia e prepara manual sobre o tema**. Sociedade Brasileira de Dermatologia, 2020. Disponível em: <<http://www.sbd.org.br/noticias/25-de-junho-sbd-alerta-para-cuidados-com-o-vitiligo-durante-pandemia-e-prepara-manual-sobre-o-tema/>>. Acesso em: 11 set. de 2020.

STEINER, D; BEDIN, V; MORAES, M. B.; VILLAS, R. T.; STEINER, T. Vitiligo. **Anais Brasileiros de Dermatologia**. v. 79, n. 3, Rio de Janeiro. Mai/Jun./2004. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962004000300010&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 11 set. 2020.

TOSSUNIAN, J. **Estresse: Um olhar fenomenológico-existencial**. 2008. 43 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

PSICOSOMÁTICA: UNA MIRADA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL A LA PERSONA CON VITÍLIGO

Resumen: Este artículo tiene como objetivo elaborar un breve estudio sobre la mirada de la psicología fenomenológico-existencial a la persona con vitíligo. Desde el crecimiento de las enfermedades de la piel pasando por la suma de experiencias, buscamos entender el vitíligo como una condición que está más allá de la materialidad del ser, causando muchas veces malestar psicológico. Algunos autores entienden esta implicación como parte del proceso psicossomático, ya que el estado emocional puede provocar o agravar la aparición de dermatosis cutáneas. Así, este estudio busca comprender cómo el psicólogo fenomenológico-existencialista entiende el sufrimiento psicológico de la persona afectada por vitíligo y cómo la psicoterapia clínica, en esta perspectiva, contribuye a la calidad de vida del sujeto. De manera sucinta, también reflexionamos sobre el compromiso social de la psicología, que tiene como praxis la intención transformadora, para desmitificar conceptos estigmatizantes mediante la promoción de la visibilidad y los impactos mediáticos, sobre todo, brindando espacios de habla para la persona con vitíligo.

Palabras clave: Vitíligo; Psicopatología; Psicossomática; Psicología Fenomenológico-existencial; Visibilidad; Resignificación.